

NOITE DOS MAQUIADOS

Breno Fernandes

Em 11 de agosto de 1264, através da bula *Transiturus*, o papa Urbano IV instituiu a Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo, ou Corpus Christi...

— IMUUUUUUUUUUUUUNDAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!!

...Um gérmen da celebração já existia desde 1230, na paróquia belga de Saint Martin, sob tutela do arcediogo Tiago Pantaleão de Troyes, que se tornaria o papa Urbano IV 31 anos mais tarde...

— Olha o pingente da imuuuunda! Rainha majestade!

...A idéia surgiu a partir de um segredo revelado ao arcediogo pela freira agostiniana Juliana Mont Cornillon, que há 20 anos tinha visões do disco lunar com uma parte escura. O que foi interpretado como a ausência de uma festa no calendário litúrgico...

— Alguém me traz uma piscina, por favor?

...O intuito desta celebração é honrar e realçar a presença real de Cristo na Eucaristia, um dos sete sacramentos da Igreja Católica, no qual se celebra justamente a memória da morte sacrificial e a ressurreição de Jesus...

— Diga a ele que o eu convidei, sim, mas que não é hoje, não, é sábado.

...Porque a Eucaristia foi celebrada pela 1ª vez na Quinta-Feira Santa, Corpus Christi se celebra sempre na primeira quinta-feira após o primeiro domingo depois de Pentecostes...

— Ah, imuuuuuunda! Você não tinha trocado a sexta pelo sábado comigo? Agora desfez o trato só pra ir pro Arraiá da Capitá, é?

Mas veja como, de uma hora pra outra, o bar ficou intransitável. E já passa da 1 da manhã. O que essa quinta-feira de Corpus Christi significa pra toda essa gente? — o quê, o quê?

Feriadão, é óbvio.

— Boa noite, senhoras e senhores, gays, lésbicas e simpatizantes. Muito obrigado pelo carinho e pela paciência. É muito bom ver essa casa cheia desse jeito. O nosso show de hoje vai ser muito especial, e com direito a convidadas. Praqueles que não me conhecem, eu sou Valerie O'rasah.

Depois da Avenida Sete, a rua Carlos Gomes é a principal via do centro de Salvador. É por ela que, no carnaval, retornam os trios elétricos que saem da Praça do Campo Grande em direção à Praça Castro Alves. Mas apesar de todo o estreitamento de relações com a Avenida, o *timing* da Carlos Gomes é bastante diferente: enquanto aquela é entupida de gente, carros, lojas e camelôs, o fluxo nessa corre mais tranqüilo, as calçadas são mais vazias e há mais edifícios, residenciais e comerciais. O barulho é um pouco menor, e o ar, um pouco menos carregado.

A Carlos Gomes é uma quase-reta com pouco mais de 2 quilômetros, mas quem costuma andar por ali acaba percebendo que ela é, pelo menos, duas. A primeira parte vai da Praça Castro Alves, passando pelo Clube de Engenharia da Bahia, o Centro Cultural da Caixa, pela pracinha com os dois quiosques de flores no centro e chega, por fim, ao cruzamento do posto dos Correios e da veterana lanchonete 24 horas *Good Day*, idolatrada por muitos homens na casa dos 40 que passaram a juventude na cidade. A segunda parte vai daí da *Good Day* até o muro rosado do complexo Quartel da Polícia Militar/Casa D'Itália, onde então há uma curva que leva o motorista ou para a Avenida Sete ou para a rua do (Hotel) Tropical da Bahia.

Talvez essa dicotomia deva-se ao fato de haver mais prédios residenciais na segunda parte, que é inclusive a via de entrada para o bairro Dois de Julho. Contudo, se durante o dia a diferença não é tão perceptível, basta voltar depois das 19h, 20h, quando o comércio fecha e a vida noturna começa. Aí sim, você poderá notar a disparidade: na primeira parte, o néon do Bingo Carlos Gomes e, às vezes, algum som vindo do Espaço Pop Dance, anexo do Clube de Engenharia, atraem as pessoas para os ambientes internos. Já na segunda parte, os poucos botecos insossos estendem suas mesas pelas calçadas e um número de pessoas não tão grande, mas freqüente, as preenche até altas horas.

Com exceção de um grito louco esporádico ou uma cantoria de dois minutos, só se ouve a algazarra desse movimento estando muito perto. Não porque o público seja pouco, comparando com outros points noturnos do centro; a rua é que grande demais. Nem o amarelo fosco das lâmpadas de sódio dos postes e o néon do Tchê Night Club conseguem lhe dar luminosidade suficiente. E, no fim das contas, acabam pintando uma imagem triste do lugar, com ares mesmo de decadência — ah, veja as fachadas encardidas dos prédios!, as janelas protegidas com papel metro ou papel alumínio! —, mas não diria tanto. É a natureza da Carlos Gomes há mais de uma década.

O palco de forro vermelho é pequeno, assimétrico e mal estruturado. Por ali já passou Sandra Lee — que, num vestido curto verde-esmeralda, abriu o show com uma tradução de *Love by Grace* (lembra da Carolina Dieckmann raspando a cabeça em *Laços de Família*?) cantada por Marina Elali —, e Lizz Barum — cabelo chanel, longo branco (quase uma noiva) —, depois de interpretar *La Solitudine*, de Laura Pausini, e conversar um pouco com o público, vai saindo do palco pela entradinha que tem no fundo dele e leva ao camarim. O palco agora está vazio, mas do *backstage* Valerie fala:

— Gente, estamos com um show novo — *Star* —, e o que vocês vão ver agora é uma pequena amostra. Dêem sua opinião com vaia, aplauso, churria... Ela é muito importante pra gente. Com vocês, *Star*! Dá o play, senhor Wilson!

Soam os primeiros acordes de *Emotion*, da *girl band* Destiny's Child. Rainha Lou Lou é a primeira a entrar. Nariz aquilino, peruca loiro juba-de-leão até as costas, vestido dourado. Em seguida Suzzy D'Costa, igualmente loira, peruca mais volumosa e com franja, vestido de estampas vermelhas e verdes e detalhes em dourado. Por fim, a *hostess*, a promoter da casa, Valerie O'rarah, a única com peruca curta, de um loiro acastanhado, porém com o vestido mais dourado de todos, além das luvas negras e do inseparável corselete de mesma cor, carinhosamente apelidado de tarja-preta — uma marca registrada do seu figurino.

As duas lâmpadas incandescentes que iluminam demais o palco destacam-lhes ainda mais todo o dourado, tornam a purpurina mais brilhante. É a segunda vez na noite que apresentam aquele número. Menos de duas horas antes, haviam-no feito no Camarim, o maior bar do Beco dos Artistas, point GLBT no bairro Garcia. Fora o segundo número da noite e o segundo mais aplaudido, ficando atrás somente delas mesmas, dublando mais Destiny's (*Through With Love*), o que incitou o público a pedir mais e obrigou as garotas a improvisarem, porque elas só tinham esses dois ensaiados.

As *Stars* haviam sido convidadas a dar essa palhinha durante mais uma eliminatória do concurso BBB, o Big Bicha do Beco, que o Camarim, sob a figura da desbocada e sagaz Ginna d'mascar, gerente do bar e âncora do palco (uma mistura da Beyoncé de *Ó Pai Ó* com a Vovó Mafalda), estava promovendo. Se alguém nunca foi a um show de drag queens, ou só os viu nos programas populares de TV, ao ver a performance da primeira caloura, vestida como uma personagem de *Moulin Rouge* e dançando algo entre a música pop, o hip hop e o eletrônico, reiteraria a sua opinião de

algo vulgar. Mas ao ver a doçura e feminilidade que as *Stars* demonstravam no palco, o comedimento nas expressões, nos movimentos corporais e bucais — sempre condizentes com a música —, ficaria bastante impressionado.

Naquela segunda vez, as coisas não estavam sendo diferentes. Um dos clientes, encostado numa das duas pilastras que cerceam a lateral esquerda do palco, sussurra para outro, na pilastra à sua frente, os versos de *Emotion*. Na mesa mais próxima, aos pés de Valerie, casais de namorados se abraçam, se beijam, se tocam. Antes do fim da canção, os aplausos aparecem, fortes desde o princípio.

— Meus parabéns, meninas! O nome desse show é *Star... Aprovado!* — grita Ivonelly, e não é a primeira vez que o quase-travesti, que também faz shows na casa mas hoje só está de espectador, faz piadas e rouba a cena.

Suzzy e Lou Lou deixam o palco. Valerie fala ao microfone:

— Ai, adorei! Uma recepção destas é um prazer orgasmático! Fico toda molhadinha!... — pausa dramática, sorriso maroto. — Nem que seja de suor... — nova pausa. — Este show é uma idéia de Rainha Lou Lou. Queremos transformá-lo em um show ininterrupto de 45 minutos. Ainda estamos o desenvolvendo, mas vamos repetir a dose na próxima terça, véspera do dia dos namorados — mais pausa, Valerie vira o rosto e encara a platéia com outro risinho malicioso. — Tem alguém solteiro aí?

Gritos.

— Casado?

Gritos.

— Nada com nada com nada?

Gritos. A voz de Ivonelly se destaca:

— Eu casei com minha *maquilagem!*

O lugar tem o sugestivo nome de Âncora do Marujo e já existe há mais de 14 anos. Nasceu como uma barraca na praia do Corsário; há sete anos, os sócios Wilson, Fernando e Zé Carlos migraram para a Carlos Gomes, bem em frente à ladeira que quebra para a rua Tuiuti.

Quem olha desatento, não percebe que é um bar. O movimento lá fora não existe, e nem há placas chamativas. É na pequena área entre a grade da fachada e a porta de entrada que se vê, em papel laminado azul, letras recortadas formando a palavra

MARUJO. Ao lado, fotos e cartazes de várias drags, com destaque para a atração do dia (Valerie) e para a Miss Âncora do ano (Valerie).

Após pagar um couvert de dois reais a um dos donos que fica na porta, entra-se e uma divisória cinza com riscos pretos cria um corredorzinho, onde há uma geladeira velha e desligada e, na parede, fotos emolduradas de algumas estrelas da casa, como Carolina Varga, Andrezza Lamarcky, Aisha Poltergeist, Bagageryer Spielberg, Natasha Vougue e Camila Parker. O Âncora funciona de terça a domingo, e cada show tem dia e hora pré-determinados, com revezamento no fim de semana. No dia de cada uma delas, seu quadro vai para a frente da casa, ao lado do de Valerie.

Dando as costas às fotos, chega-se ao primeiro dos três ambientes. A iluminação é fraca, pálida. A textura branca e brusca das paredes lhes dá um ar engordurado. O piso, de azulejos alternados brancos e azuis, assim como as pequenas mesas redondas de tampo branco, dão um tom de lanchonete. Nas paredes, mais fotos de grandes transformistas baianas, todas com carreira na casa — Gessy Brasil, Scher Marie, Moranguinho, Marta Florzinha, Tracy Malda, etc., etc.

À direita de quem entra, subindo dez degraus, vai-se para o mezanino, com cadeiras e mesas de plástico brancas tradicionais e vista para Carlos Gomes. Mas quase nunca há alguém ali: onde a maioria dos clientes fica é no último ambiente, no qual se chega atravessando o primeiro, subindo quatro degraus e se espremendo pelo corredor formado pelo balcão do bar e por algumas mesas, até chegar a um espaço retangular, com mesas e cadeiras encostadas às paredes. O palco fica aí, à esquerda. À direita, dois lances de degrau e o caminho para os banheiros e o camarim, onde

— IMUUUUUUUUUUUUUNDAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!! — grita Lizz Barum, surgindo no camarim de aproximadamente 10m² pela entrada do palco e juntando-se à festança que está acontecendo ali.

— IMUUUUUUUUUUUUUNDAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!! — gritam todos para todos. Valerie, que estava sem peruca, retocando a maquiagem, o faz encarando o espelho.

— Olha, ela veio de jaquatirica! — zomba Ivonelly da roupa da colega.

— Olha o pingente da imuuuunda! Rainha majestade! — comenta Valerie, virando-se e tocando o pingente.

eu tive a felicidade de tirar o primeiro lugar. Ou melhor, Valentine O'rarah... A partir daí, Valentine foi chamada para aniversários de amigos, um dos quais inclusive sugeriu que ela trocasse o nome para algo mais afrancesado e sonoro, como Valerie... E aí a Valerie foi fazendo um aniversário aqui, outro ali e, em 8 de maio de 2004, acabei parando na boate Yes... F-Foi... *Terrível!*

Ele sempre gostou da *arte* de se transformar, de se produzir e transformar um homem em uma mulher — mesmo que não fosse uma mulher perfeita, conquanto fosse cheia de feminilidade. Além do mais, as vozes femininas sempre lhe provocavam um arrebatamento, uma emoção explosiva que ele *precisava* externar. Externar como Andrezza Lamarky, como Bagageryer Spielberg, ou como só ele mesmo poderia.

Achava que tinha algum talento para o transformismo; os amigos também. Mas agora, ali no palco, pela primeira vez num palco, tinha sérias dúvidas disso. Dúvidas psicossomáticas: vejam só suas pernas como tremem. Sabia que, naquela sexta, início de fim de semana, a famosa boate GLBT Yes (hoje Tropical), na Gamboa de Cima, estava lotada, mas os holofotes não lhe permitiam enxergar *absolutamente ninguém*. Só ouvia os gritos, a churria.

— Que horrível!

— Feioooooosa!

— Uuuuuuuuh!

Aquela churria (reação) crítica que o público GLBT costuma ter.

Friday night you and your boys went out to eat...

Ah, meu Deus, a música tá baixa ou a platéia está gritando demais? A Whitney já começou a cantar?

... Cause only two of you had dinner...

— Uuuuuuuuh!

Vamos lá, estamos chegando no refrão. Você consegue, garota.

It's not right

But it's okay

I'm gonna make it anyway

Pack your bags up and leave

Don't you dare come running back to me

It's not right

But it's okay

Issa! É isso aí, vamos dançar, vamos botar pra quebrar! *Yes!*

It's not right

But it's okay

Quatro minutos depois, parado, de pé sobre seus 15cm de salto, os braços erguidos, uma expressão meio dolorosa no rosto, o corpo suado como se tivesse dançado a noite inteira, ele esperava.

E então, ainda sob os últimos acordes da canção que se esvaíam, os aplausos foram tomando conta de toda a boate. Aplausos! Aplausos! Aplaudam, senhoras e senhores, gays, lésbicas e simpatizantes! Clap, clap, clap, clap!

Começava ali a carreira de Valerie O'arah.

Há seis anos, Flávio Valécio Santos, 27, tinha um rolo com um garoto. Esse rolo chegou à família e não houve jeito senão assumir sua homossexualidade. Como “de praxe”, as primeiras 72 horas foram terríveis. Ele então resolveu sair de casa. Foi morar com amigos. Estava fazendo um curso técnico de ADM num colégio estadual e conseguiu arranjar emprego organizando eventos, festinhas.

Algum tempo depois, tudo se resolveu em casa, mas Valécio decidiu continuar buscando sua independência. Foi cabeleireiro uma época. Até que começou a se apresentar como ator transformista, como drag queen, sob o pseudônimo Valerie O'arah, e o sucesso do personagem acabou lhe fazendo crescer como produtor também. Conseguiu emprego num bar especializado no seu tipo de trabalho: virou *promoter* do Âncora, bar a menos de 300 metros da sua atual casa, num edifício da Carlos Gomes, e que costumava freqüentar.

Há menos de um ano, no tradicional Cortejo do Marujo, uma festa em homenagem ao dia do marujo (13 de dezembro) promovida pelos donos do bar, Valécio — ou melhor, Valerie — ganhou o concurso Miss Âncora. Agora, enquanto cuida dos eventos especiais — e nos últimos meses já promoveu lá o Reveillon do Marujo, apresentação de novos talentos do transformismo, uma festa anos 70, desfiles de Marcelo Moura e alguns aniversários —, também tem a missão de divulgar seus shows e o das colegas nos lugares que GLBT que freqüenta, como o Beco dos Artistas, a

barraca de praia República, na boca do Rio, e o santo pagodão sabatino do Bar de Ray, também na Carlos Gomes.

De um clichê não dá pra fugir: Valécio e Valerie são sensivelmente diferentes. Tão logo a peruca é posta — e todos eles concordam que a peruca é a linha da transformação deles nelas —, percebe-se a mudança de comportamento. Enquanto Valécio te olha meio tímido, com a cabeça um pouco baixa, Valerie te olha, de cima dos 15cm e por trás dos cílios postiços, com bastante segurança, e mesmo uma certa empáfia.

Ele fala ameno. Ela brada.

Ele ri contido. Ela gargalha.

Se ele espera o elevador com uma mão escorada na parede, ela aproveita pra ensaiar uns passos de dança no corredor.

É que Valécio pisa manso. Valerie faz ploc-ploc com o salto.

Valécio foi criado dentro dos preceitos evangélicos, freqüentou a igreja até quando se assumiu. Não seria ilógico pensar que, a despeito de todo o seu interesse genuíno pelo transformismo, Valerie tenha surgido como máscara, um personagem que possa fazer o que Valécio não se sente à vontade. Mas não nos esqueçamos de que a primeira acepção da palavra *pessoa* foi justamente *máscara* — *persona* eram como se chamavam as máscaras no teatro grego. O sociólogo canadense Erving Goffman (1922 - 1982), em seus estudos sobre a “teatralização do cotidiano”, já apontava para o fato de que nós estamos sempre representando um papel em cada meio com o qual nos relacionamos. Segundo Goffman, é nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros, que nos conhecemos a nós mesmos.

Queeeem é vocêêê?

Lá iá raiá lá iá rará rá lalá lá laia

...